

1911 - 2011

100 anos do DIA DA MULHER

FOTO: JOÃO ZINCLAR



Edições NPC
2011

Cadernos do NPC

100 anos do DIA DA MULHER

Redação

Vito Giannotti

Projeto Editorial Gráfico

Núcleo Piratininga de Comunicação - NPC

Edição de texto

Claudia Santiago MTB 14915

Ilustrações

Latuff

Diagramação

Claudio Camillo / Deisedóris de Carvalho / Ione Nascimento
Daniel Costa

Núcleo Piratininga de Comunicação - NPC

Rua Alcindo Guanabara, 17 – sala 912
20031-130 – Centro – Rio de Janeiro / RJ

Email: npiratininga@piratininga.org.br

Site: www.piratininga.org.br

Twitter: @NPC_

Blog: <http://blogdonpc.wordpress.com>

5ª Edição - 2011

Datas básicas sobre a origem do 8 de Março

1900-1907

● **Movimento das Sufragistas** pelo voto feminino nos EUA e na Inglaterra.

1907

● Em Stuttgart, é realizada a **1ª Conferência da Internacional Socialista** com a presença de Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo e Alexandra Kollontai.

• Uma das principais resoluções:

“Todos os partidos socialistas do mundo devem lutar pelo sufrágio feminino”.

1908

● Em Chicago (EUA), no dia **3 de maio, é celebrado, pela primeira vez, o Woman’s Day**. A convocação é feita pela Federação Autônoma de Mulheres.

1909

● Novamente em Chicago, mas **com nova data, último domingo de fevereiro, é realizado o Woman’s Day**.

• O Partido Socialista Americano toma a frente.

1910

● **A terceira edição do Woman’s Day** é realizada em Chicago e Nova Iorque, chamada pelo Partido Socialista, no último domingo de fevereiro.

Em Nova Iorque, é grande a participação de operárias devido a uma greve que paralisava as fábricas de tecido da cidade. Dos trinta mil grevistas, 80% eram mulheres.

Essa greve durou três meses e acabou no dia 15/02, véspera do Woman’s Day.

• Em **maio**, o Congresso do Partido Socialista Americano delibera que as delegadas ao Congresso da Internacional, que seria realizado em Copenhague, na Dinamarca, em agosto, **deveriam defender que a Internacional assumisse o Dia Internacional da Mulher**.

Este deve ser comemorado no mundo inteiro, no último domingo de fevereiro, a exemplo do que já acontecia nos EUA.

• Em **agosto**, a 2ª Conferência Internacional da Mulher Socialista, realizada dois dias antes do Congresso, delibera que:

“as mulheres socialistas de todas as nacionalidades organizarão (...) um dia das mulheres específico, cujo principal objetivo será a promoção do direito a voto para as mulheres”.

• Não é definida uma data específica.

1911

● **No ano de 1911 o DIA DA MULHER passa a ser comemorado também em outros países, além dos Estados Unidos**. Isso acontece devido à decisão tomada na Conferência das mulheres da II Internacional de celebrar internacionalmente o Dia da Mulher. Não é definida uma data única. Cada país decide o melhor mês e dia para ser o Dia Internacional da Mulher.

● **Suécia e França fazem o ato pelo Dia Internacional da Mulher em 1º de Maio**. Nos EUA foi no dia 26 de fevereiro. A Alemanha optou pelo dia 19 de março.

● **Em 2011, comemoramos os cem anos em que o Dia da Mulher começou a ser comemorado mundialmente**. Cem anos em que o Dia da Mulher se tornou Dia Internacional da Mulher.

● **Em 25 de março deste ano, numa greve em Nova Iorque**, devido à falta de segurança na rede elétrica, várias vezes denunciada pelo sindicato das tecelãs, estoura um incêndio, no qual morrem queimadas 146 pessoas, em sua maioria mulheres.

1912

● Novamente nos Estados Unidos, o Dia da Mulher é comemorado em **26 de fevereiro**

1912 e 1913

● Na Alemanha, o Dia da Mulher é comemorado em **19 de março**.

1913

● Na Rússia é comemorado, pela primeira vez, o Dia da Mulher, em **3 de março**.

1914

● Pela primeira vez, a Secretaria Internacional da Mulher Socialista, dirigida por Clara Zetkin, indica uma data única para a comemoração do *Dia da Mulher*: **8 de Março. Não há explicação sobre o porquê da data.**

A orientação foi seguida na Alemanha, Suécia e Dinamarca.

Nos Estados Unidos, o Dia da Mulher foi comemorado em 19 de março.

1917

● No dia 8 de Março de 1917 (27 de fevereiro no calendário russo) estourou uma greve das tecelãs de São Petersburgo.

Esta greve gera uma grande manifestação e dá início à Revolução Russa.

1918

● **Alexandra Kollontai** lidera, em **8 de março**, as comemorações pelo Dia Internacional da Mulher, em Moscou, **e consagra o 8 de março em lembrança à greve do ano anterior**, em São Petersburgo.

1921

● A Conferência das Mulheres Comunistas aprova, na 3ª Internacional, a comemoração do Dia Internacional Comunista das Mulheres e decreta que, **a partir de 1922, será celebrado oficialmente em 8 de Março.**

1933

● Em 8 de março, em Moscou, Clara Zetkin, na comemoração do Dia da Mulher, toma a palavra em público pela última vez.

1955

● **Dia 5 de março *L'Humanité*, Jornal do PCF fala pela primeira vez de uma manifestação de mulheres em 1857 em Nova Iorque.**

Não fala da morte das tecelãs queimadas vivas.

1966

● **A Federação das Mulheres Comunistas da Alemanha Oriental conta, pela primeira vez**, em poucas linhas, a versão da greve de 1857 e das 129 mulheres queimadas vivas.

1969

● Nos EUA, o movimento feminista ganha força. Em Berkeley, é retomada a comemoração do ***Dia Internacional da Mulher***.

1970

● O jornal feminista *Jornal da Libertação*, em Baltimore, nos EUA **consolida a versão do mito de 1857.**

1975

● A ONU decreta, 1975-1985, a **Década da Mulher.**

1977

● **A Unesco encampa a data 8 de Março como Dia da Mulher** e repete a versão das 129 mulheres queimadas vivas.

1978

● **O prefeito de Nova Iorque decreta feriado na cidade no dia 8 de Março**, em homenagem às 129 mulheres queimadas vivas.

O começo do 8 de Março no Brasil

1945

• O PCB cria a União Feminina contra a carestia.

1947

• O PCB comemora, pela primeira vez no Brasil, o 8 de Março.

1948

• Com o PCB na ilegalidade, a passeata do 8 de Março é proibida, no Rio.

1949

• É editado, pela primeira vez, no Brasil, o livro de Alexandra Kollontai, *A Nova Mulher e a Moral Sexual*.

1950

• Em 8 de Março, a Federação das Mulheres do Brasil retoma a comemoração do *Dia Internacional da Mulher*.

Índice

4 100 anos do DIA DA MULHER

5 Uma pesquisa de 12 anos



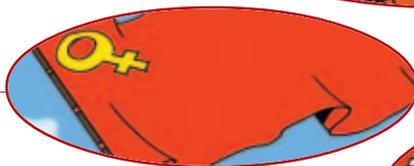
6 O clima mundial quando nasceu o mito de 1857



8 Origem do mito da greve de 1857



11 Por que a cor lilás?



13 A libertação da mulher tem origem socialista



14 As socialistas criaram o Dia da Mulher



19 O Dia da Mulher se fixa em 8 de Março



22 Um dia esquecido e depois reinventado



24 8 de Março: uma data a celebrar

100 anos do DIA da MULHER

A origem do Dia da Mulher tem mais de 100 anos. A data foi decidida em agosto de 1910, na Conferência das Mulheres da Internacional Socialista, na Dinamarca.

Nos EUA, desde 1908, em Chicago tinha começado a comemoração de um

dia especial: o DIA DA MULHER

A partir de 1911, esta decisão das mulheres de vários Partidos Socialistas da Europa e EUA começou a ser comemorada em vários países do mundo, em dias diferentes. A partir de 1918, a data se fixou em 8 de março.

**Qual o sentido do DIA DA MULHER? Dia de luta para quê?
Para que mulher fosse reconhecida
e se reconhecesse como ser humano. Com iguais direitos,
em casa, no trabalho, na escola, na sociedade, em tudo.**

As mulheres tinham tomado consciência de sua opressão e discriminação de séculos e milênios. Mulheres, durante séculos e séculos, apedrejadas, queimadas como hereges ou bruxas, violentadas pe-

los seus senhores e humilhadas pelos seus maridos. Mulheres tratadas como seres inferiores. Basta pensar que na França, na Itália e no Japão, a mulher só conseguiu conquistar o direito de voto em 1945.

**E HOJE? Muita coisa mudou, melhorou,
mas ainda há muito caminho pela frente.
Aqui no Brasil, ainda se bate, se mata
e se esquarteja mulher e depois jogam-se
os pedaços para os cachorros comerem.
Ainda, pelo mundo afora, mulher é apedrejada
em praça pública, por adultério,
enquanto o homem se diverte alegre por aí.
O caminho é longo, ainda, neste
centenário do Dia da Mulher.**

**Mas hoje, milhões de mulheres, no mundo,
lutam para conquistar igualdade
de deveres e de direitos com os homens.**

Uma longa pesquisa de 12 anos

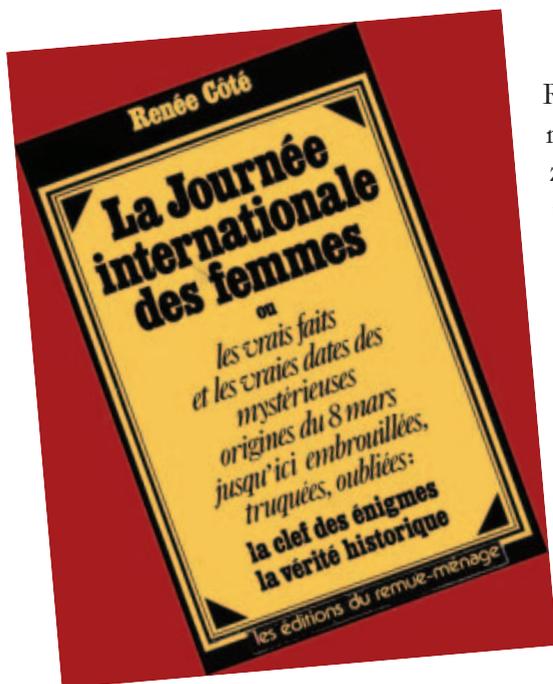
1996

O Jornal **Conselho de Classe**, do SEPE-RJ, publica artigos com o título *Quem tem medo do 8 de Março*

A questão da origem do 8 de Março já é discutida há mais de vinte anos. Em 1996, o *Jornal do Brasil* trazia um artigo da professora da UFRJ, Naumi Vasconcelos, que dava uma versão diferente da tradicional sobre a origem do Dia da Mulher. Ela dizia que a tal greve de Nova Iorque, em 1857, quando teriam morrido 129 operárias queimadas vivas, nunca existiu. E ela afirma que a origem desta data é bem outra.

No mesmo ano, em março, **Conselho de Classe, jornal do SEPE**, Sindicato dos Profissionais de Educação da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro, trazia um artigo da mesma professora Naumi, com o título sugestivo de: *Quem tem medo do 8 de Março?*

Neste artigo, a autora citava, como fonte fundamental para a discussão, um livro de uma pesquisadora canadense intitulado: *O dia Internacional da Mulher - Os verdadeiros fatos e datas das misteriosas origens do 8 de março, até hoje confusas, maquiadas e esquecidas.*



Este livro, da autora canadense Renée Cote, saiu em 1984, mas estranhamente ficou esquecido por várias razões. O livro da Renée é totalmente antiacadêmico, anticonvencional. Mas, mais do que a forma, o que fez o livro cair em esquecimento é o que ela afirma, que incomoda muita gente. Ela prova por a+b, ao longo de 240 páginas, que as certezas criadas nos anos de 1960, 70 e 80 pelos movimentos feministas, a respeito do surgimento do 8 de Março, são pura ficção.

Ela derruba um mito caro às mulheres feministas, que tanto penaram para afirmar esta data. Além disso, o livro acabou caindo no esquecimento porque é mais fácil aceitar versões já consolidadas de histórias caras às nossas vidas, do que questionar mitos

estabelecidos. Assim como, para muitos, é mais fácil aceitar a historinha de Adão e Eva, criados do barro, uns seis mil anos atrás, do que questionar as origens do homem, bem mais complexas, centenas de milhares de anos atrás.

Há um outro fator determinante que fez o livro da autora canadense cair no limbo: ela deixa transparecer, o tempo todo, sua visão favorável à autonomia dos movimentos sociais frente aos partidos e mostra uma prevenção à própria idéia de partido político.

O livro se insere no grande leito de luta autonomista, típica dos movimentos de esquerda dos anos 70. Isto cria uma animosidade com muitos setores da esquerda mais influente, que poderiam divulgar sua obra. Mas, deixando de lado simpatias, ou alergias, vamos entrar no cipocal deste mito.

A explicação da origem do mito da greve de **Nova Iorque de 1857**, nos EUA, e do esquecimento de outra greve real, concreta e proibida, de 1917 na Rússia, vamos ver só no final do artigo. A questão-chave é ver por quê, no mundo bipolar da Guerra Fria dos anos 60 do século passado, os dois blocos em disputa aceitaram a versão de uma greve de mulheres, em 1857, nos EUA, e esqueceram uma outra greve de mulheres, em 1917, na Rússia. Os motivos são mais políticos que psicológicos. Vejamos.

O clima mundial quando nasceu o mito de 1857

Na década de 60, o mundo vivia uma grande convulsão político-ideológica. Somente no começo dos anos 70, o jogo se define e o Bloco Ocidental americano, isto é, capitalista, leva a melhor sobre o Bloco Soviético, socialista. A chegada do homem à lua, por parte dos americanos, em 69, definiu o destino da humanidade por várias décadas e, quem sabe, séculos. A URSS, a partir dessa data, entra em rápida decadência e o bloco americano caminha rumo ao império neoliberal mundial.

Esta década foi um vendaval nos costumes e ideologias do mundo. Mexeu com todo o equilíbrio político-cultural do planeta. Os anos 60 começam com a vitória do povo da Argélia contra o colonizador francês que foi o estopim das guerras de libertação no Congo, Senegal, Nigéria, Gana e em toda a África.

Hoje...

existem vários estudos, acompanhados de uma vasta bibliografia que vão no mesmo sentido das pesquisas da Renée Coté. Entre eles, destacamos o artigo da Eva A. Blay (1999), o texto de Liliane Kandel (1982) e o da SOF (2002) (veja na bibliografia)

1964 – 1974

O povo vietnamita enfrenta e derrota o exército americano para construir um país socialista.

1959

A Revolução Cubana declara a igualdade de homens e mulheres e espalha o mito do Che Guevara pelo mundo.

1963 – 64

No Concílio Vaticano II, em Roma, se firma a Teologia da Libertação. As mulheres ganham espaço no catolicismo.

A China vivia sua Revolução Cultural, com o famoso *Livro Vermelho* de Mão Tsé Tung, que influenciava milhões de jovens no mundo inteiro. O **Vietnã**, após ter derrotado a França em 54, enfrentava e preparava a derrota do maior exército do mundo. Os países ex-coloniais tinham criado o movimento dos *Não-alinhados*. O mundo árabe, sob a liderança de Nasser, começava a se mexer.

Enquanto isso, a **Revolução Cubana**, com os barbudos Fidel e Che era um modelo para os revolucionários da América Latina e do mundo.

No bloco soviético, aumentava a contestação interna com a “Primavera de Praga”, em 68, na República Tcheca. Enquanto isso, a Igreja Católica vivia as dores do parto do nascimento da **Teologia da Libertação**, pós-Concílio Vaticano II, que negava o apoio a exploradores, opressores, colonizadores e senhores da guerra, com suas cruzadas, e começava a falar em libertação dos oprimidos.

No mundo ocidental, os costumes tradicionais eram contestados pela entrada em cena do mundo jovem: Beatles, Woodstock, Black Power, movimento hippie e Panteras Negras. Na América Latina, faziam-se guerrilhas contra ditadores representantes do capital local e capachos do imperialismo americano.

As mulheres americanas e européias haviam descoberto a pílula e as dos países do Terceiro Mundo, a metralhadora, nas guerrilhas lado a lado com os homens.



No Ocidente, os estudantes passaram dos livros de Marcuse aos de **Alexandra Kollontai e Wilhem Reich**. As mulheres americanas se manifestavam contra a Guerra do Vietnã e falavam em *Women's Lib*. Libertação das mulheres.

Os estudantes erguiam barricadas em Paris, tomavam as ruas em Praga, Berkeley e Rio de Janeiro e falavam de revolução e de amor: revolução social e sexual. E as feministas, nas suas manifestações, falavam de “**mística feminina**” e queimavam sutiãs nas praças públicas.

Nesse caldeirão cultural mundial, em Chicago, em 1968, e em Berkeley, em 69, se retoma, através de boletins e jornais feministas, a idéia do Dia Internacional da Mulher. Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, até começo dos anos 60, o 8 de Março só era comemorado por mulheres comunistas. O Movimento Feminista se esquece de que no começo do século, quando nasceu o Dia da Mulher, se acrescentava a qualificação de socialista. Este dia... tinha caído no esquecimento, soterrado por sucessivas avalanches históricas.

As duas guerras mundiais, a burocratização stalinista da União Soviética e o avanço do capitalismo ocidental na sua versão clássica americana, ou na sua versão socialdemocrata europeia, cada vez menos socialista, não tinham interesse em comemorar o 8 de Março.

Nos países comunistas, após a 2ª Guerra Mundial, voltam as comemorações do 8 de Março, mas era mais para louvar a política dos seus governos do que para lutar pela total libertação da mulher.

É nesse clima político-ideológico mundial que será retomada a idéia de se comemorar uma data internacional para a luta de libertação das mulheres.

A origem do mito da greve de 1857

O que estamos acostumados a ler nos boletins de convocação do Dia da Mulher é a história de uma greve, que aconteceu em Nova Iorque, em 1857, na qual 129 operárias morreram depois de os patrões terem incendiado a fábrica ocupada.

A primeira menção a esta greve aparece no jornal do Partido Comunista Francês, na véspera do 8 de Março de 55. Mas a fixação da data devido a greve aparece num boletim, em Berlim, na então **Alemanha Oriental**, da Federação Internacional Democrática das Mulheres. O boletim é de 1966.

O artigo fala rapidamente, em três linhas, do incêndio que teria ocorrido em 8 de março de 1857 e depois diz que em 1910, durante a 2ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, a dirigente do Partido

1968

Os livros **A Função do Orgasmo, A Revolução Sexual** de Wilhem Reich e **A Nova Mulher e a Moral Sexual** de Kollontai passam a ser a Bíblia da geração de 68, no mundo inteiro.

1966

Nos EUA a militante feminista Betty Friedam, publica **A Mística Feminina**, que será traduzida em dezenas de línguas.

1966

Na República Democrática Alemã, o Boletim da Federação das Mulheres Comunistas, **fala, pela primeira vez, no mundo, das 129 mulheres queimadas vivas** em Nova Iorque, em 1857.

1910

A 2ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas delibera que se comemore o **Dia Internacional da Mulher, sem fixar data.** Clara Zetkin lê a deliberação.

Socialdemocrata Alemão, **Clara Zetkin** em lembrança à data da greve das tecelãs americanas, 53 anos antes, propôs o 8 de Março como data do Dia Internacional da Mulher.

O jornal do PCF, L'Humanité, até aquela data, não tinha falado das 129 mulheres que teriam morrido queimadas. Esta história não foi criada de uma vez só. Teve origens, provavelmente, em dois fatos ocorridos na mesma cidade de Nova Iorque, 50 anos depois da suposta greve.

O primeiro foi uma longa greve de costureiras que durou de 22 de novembro de 1909 a 15 de fevereiro de 1910.

O segundo foi um dos tantos acidentes de trabalho, ocorridos no começo do século XX. Aconteceu na mesma cidade da greve das costureiras,

em 1911. Nesse episódio, em 25 de março, foi registrada a morte,

durante um incêndio, causado pela falta de segurança nas péssimas instalações de uma fábrica têxtil, de 146 pessoas, na maioria mulheres. As portas da fábrica estavam fechadas, como de costume, para que as operárias não se dispersassem na hora do almoço.

Esse incêndio foi, evidentemente, descrito pelos jornais socialistas, numerosos nos EUA naqueles anos, como um crime cometido pelos patrões, pelo capitalismo.

A fábrica pegando fogo, com dezenas de operárias se jogando do oitavo andar, em chamas, nos dá a pista do nascimento do mito de uma greve de 1857, na qual teriam morrido 129 operárias num incêndio provocado propositamente pelos patrões.

E como se chegou a criar toda a história de 1857? Por que aquele ano? Por que nos EUA? A explicação, provavelmente, é a combinação de casualidades, sem plano diabólico pré-estabelecido. Assim como nascem todos os mitos.

A canadense Renée Côté pesquisou, durante dez anos, em todos os arquivos da Europa, EUA e Canadá e não encontrou nenhuma traça da greve de 1857. Nem nos jornais da grande imprensa da época, nem em qualquer outra fonte de memórias das lutas operárias.

Ela afirma e reafirma que essa greve nunca existiu. É um mito criado a partir da confusão entre a greve de 1910, nos EUA; a de 1917, na Rússia e o incêndio de 1911, em Nova Iorque. Ela escreveu tudo isso em seu livro citado no começo desta cartilha.

1911

Em Nova Iorque, **146 tecelãs e tecelões, em greve, morrem, no incêndio da fábrica.**

Daqui nascerá o mito daquela greve de 1857, que nunca houve.

Pouco a pouco, o mito dessa greve das 129 operárias queimadas vivas se firmou e apagou da memória histórica das mulheres e dos homens outras datas reais de greves e congressos socialistas que determinaram o Dia das Mulheres, sua data de comemoração e seu caráter político.



Já em 1970, o mito das mulheres queimadas vivas estava firmado. Rapidamente foi feita a síntese de uma greve que nunca existiu, a de 1857, com as outras duas, de costureiras, que ocorreram em 1910 e 1911, em Nova Iorque. E o todo foi misturado com aquele incêndio real acontecido em 1911.

Nesse ano de 1970, com centenas de milhares de mulheres americanas participando de enormes manifestações contra a guerra do Vietnã e com um forte movimento feminista, em Baltimore, EUA, é publicado o boletim, **Mulheres-Jornal da Libertação**. Neste já se reafirmava e se consolidava a versão do mito de 1857.

1970

O jornal feminista de Baltimore (EUA), *Jornal da Libertação* reafirma e **consolida a versão do mito de 1857**.

Mas essa confusão não foi aceita tranqüilamente, na França, por todas e todos. O boletim nº 0, de 8 de março de 1977, *História d'Elas*, publicado em Paris, alerta para esta mistura de datas e diz que, em longas pesquisas, nada se encontrou sobre a famosa greve de Nova Iorque, em 1857. Mas o alerta não teve eco.

Dolores Farias, no seu artigo no *Brasil de Fato*, nº 2, nos lembra que, em 1975, a **ONU declarou a década de 75 a 85** como a década da mulher e reconheceu o 8 de março como o seu dia. Logo após, **em 1977, a Unesco** reconhece oficialmente este dia como o Dia da Mulher, em homenagem às 129 operárias queimadas vivas.

No ano de 1978, o prefeito de Nova Iorque, na resolução nº 14, de 24/1, reafirma o 8 de março como Dia Internacional da Mulher, a ser comemorado oficialmente na cidade de Nova Iorque.

Na resolução, cita expressamente a greve das operárias de 1857, por aumento de salário e por 10 horas de trabalho diário. Vimos que foi feita uma mistura desta greve fictícia com uma greve real que começou em 22/11/1909. O mito estava fixado, firmado e consolidado. Agora era só repeti-lo.

1975

A ONU proclama o 8 de Março como Dia Internacional da Mulher
e a década 75-85, como a Década da Mulher.

1977

A Unesco proclama o 8 de Março
Dia Internacional da Mulher, em homenagem às 129 mulheres queimadas vivas

Por que a cor lilás?

A partir de 1980, o mundo todo contará esta história acreditando ser verdadeira. Aparecerá até um pano de cor lilás, que as mulheres estariam tecendo antes da greve. Daquela greve que não existiu. A mitologia nasce assim. Cada contador acrescenta um pouquinho. “Quem conta um conto aumenta um ponto”, diz nosso ditado.

Por que não vermelho? Porque precisava fazer esquecer as bandeiras vermelhas das mulheres da Internacional. Vermelhas eram as bandeiras de Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo e **Alexandra Kollontai**, delegadas dos seus partidos, à 1ª Conferência das Mulheres Socialistas, em 1907; e da segunda, na Dinamarca, em 1910. Nesta Conferência foi decidido que as delegadas, nos seus países, deveriam comemorar o Dia da Mulher Socialista.

A origem da cor lilás está na retomada do feminismo, nos anos 60. O vermelho estava muito ligado aos Partidos Comunistas do Bloco Soviético que, na verdade, já tinham muito pouco de socialismo, ou de comunismo. Além disso, historicamente, vários desses partidos, pouco apoio haviam dado às lutas específicas das mulheres.

1917-1921

Alexandra Kollontai, revolucionária russa, membro do comitê Central do PCUS, escreveu o livro *A nova mulher e a moral sexual* e *A Oposição Operária*.

A expressão “Libertação da Mulher” não era própria destes partidos. Neles, a luta da mulher era vista quase só com o objetivo de integrá-la à luta de classes. A luta feminista, para muitos comunistas, só atrapalhava a luta geral do proletariado. Tirava forças da luta principal.

Foi nesse clima que, nas décadas de 60 e 70, a luta feminista foi retomada, num processo de auto-organização das mulheres. No movimento feminista havia uma forte crítica à prática da maioria dos partidos e sindicatos. Muitos movimentos se organizaram de forma autônoma, lutando para garantir sua independência.

Assim, o movimento feminista, na retomada das suas lutas específicas, nos anos 60, aos poucos adotou a cor lilás, ou roxa como sua identidade específica. As tradicionais bandeiras vermelhas do Dia da Mulher passaram a ser desfraldadas lado a lado com as novas bandeiras lilás do movimento feminista.

A cor roxa já havia ensaiado seus primeiros passos nas lutas das mulheres, na Inglaterra dos anos 1914-18. Eram as bandeiras das sufragistas. As socialistas e comunistas continuavam com sua cor vermelha.

Hoje, a nova cor, o roxo é a marca tanto das mulheres socialistas quanto daquelas que defendem o capitalismo, mas lutam com garra contra a opressão e a dominação das mulheres.

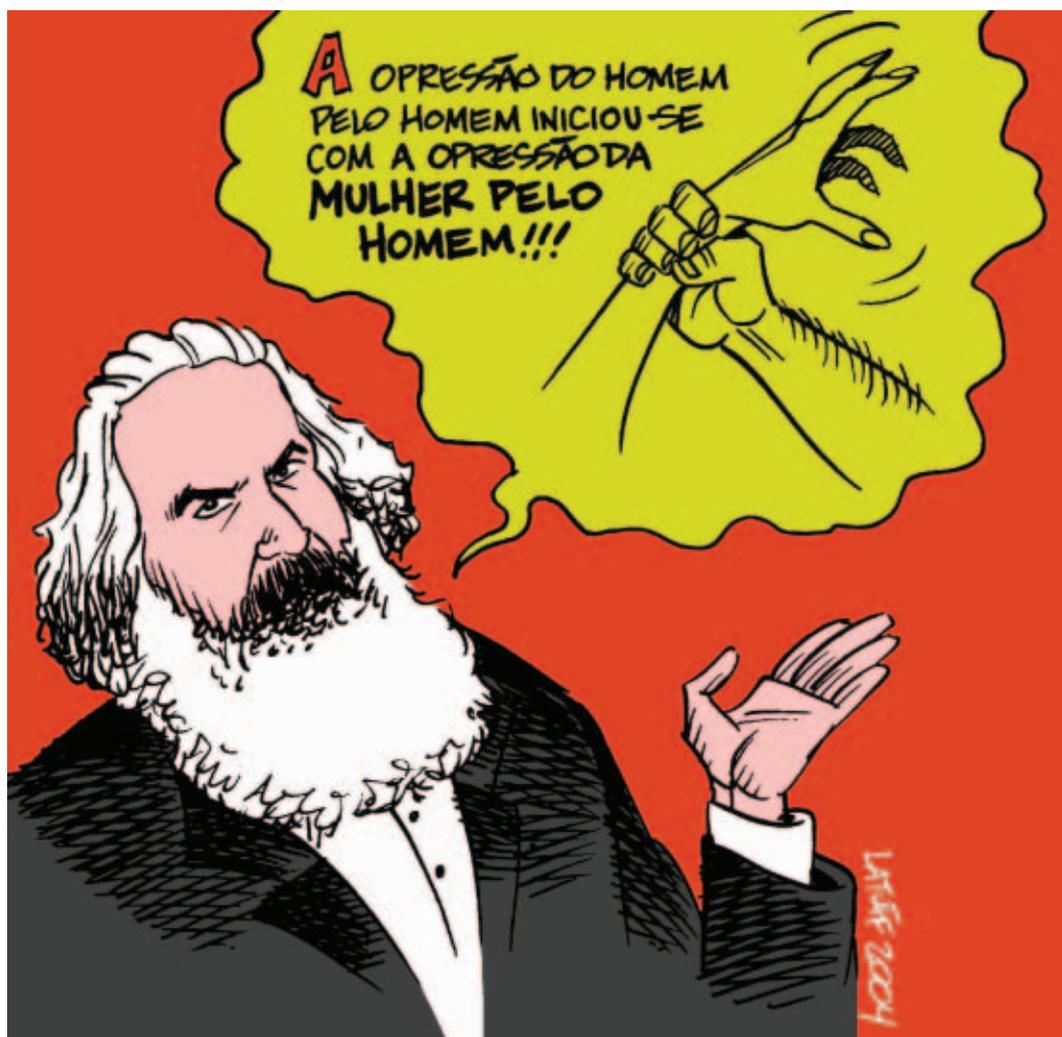
Na década de 1960,
as mulheres estadunidenses
e européias haviam
descoberto a pílula
e as dos países do Terceiro
Mundo, a metralhadora,
nas guerrilhas lado a lado
com os homens



A libertação da mulher: uma luta socialista

A idéia da libertação da mulher nasceu no terreno fértil do movimento socialista mundial, no final do século XIX e começo do século XX.

As raízes desta batalha podem ser encontradas nos escritos de Marx e Engels. A visão da família, da mulher proletária e da buuguesa que permeiam o livro *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado*, de Engels, é a base da visão dos socialistas da necessidade da libertação da mulher proletária. A frase de Marx “A opressão do homem pelo homem iniciou-se com a opressão da mulher pelo homem” é uma síntese da sua visão sobre o assunto. Estas idéias demoraram em dar seus frutos, mas deram.



Contemporâneos de Marx, Paul Lafargue e Laura Marx foram batalhadores da igualdade e da libertação feminina, em seus vários escritos, sobretudo em seu livro mais conhecido *Direito à Preguiça*.

Clara Zetkin, desde 1890, logo após a fundação da **Internacional Socialista**, começou a falar, escrever e organizar a luta das mulheres visando a integrá-las à luta socialista. Visando a que elas tomassem seu lugar na luta de classes, na revolução socialista que estava próxima.

Fora da 2ª Internacional, a tradição anarquista de uma parte do movimento operário também exigia a igualdade de homens e mulheres. A realidade, naquele começo do movimento da classe trabalhadora ainda era dura: partido e sindicato eram coisas de homem. Mas, mesmo nesse ambiente desfavorável, grandes mulheres passaram a discutir com as maiores lideranças da época e deixaram suas marcas em livros e artigos e na organização das forças revolucionárias.

Foi neste embate de idéias que um dos teóricos da Internacional, **August Bebel**, escreveu seu livro *A mulher e o socialismo*. E é nesse grande rio que deságua o célebre *A nova mulher e a moral sexual*, de Alexandra Kollontai.

Nesse ambiente de lutas operárias e de discussões teóricas, no campo socialista, é que nasceu a luta pela participação política e, pouco a pouco, pela libertação da mulher.

A partir do começo do século XX, essa batalha das socialistas se cruzou com a luta do movimento das **mulheres independentes** em sua maioria pertencentes às classes média e alta, que estavam em campanha pelo direito de voto. Essas mulheres, sobretudo nos Estados Unidos e Inglaterra, ao reivindicar o sufrágio para as mulheres, ficaram conhecidas como as *sufragistas* e suas relações com as socialistas eram de conflito.

As mulheres socialistas criam o Dia da Mulher

Desde 1901, nos EUA, logo após a criação do Partido Socialista, surge a União Socialista das Mulheres, com a finalidade de reivindicar o direito de voto feminino. Entre os anos 1904 e 1908, sempre nos Estados Unidos, nascem vários clubes de mulheres, uns intimamente ligados ao Partido Socialista, outros mais autônomos, anarquistas ou não. Todos exigiam o direito de voto para as mulheres.

1889

É fundada a **Internacional Socialista**, conhecida como II Internacional. Reúne os partidos socialistas do mundo.

1895

August Bebel, dirigente do Partido Socialdemocrata Alemão publica o livro *A Mulher e o Socialismo*.

1900 – 1920

Cresce o movimento pelo voto feminino fora da área socialista. É o movimento das **sufragistas**, na Europa e nos EUA.

Em 1908, a Federação dos Clubes de Mulheres Socialistas de Chigaco toma a iniciativa autônoma, não ligada oficialmente ao Partido Socialista, de chamar para um Dia da Mulher, num teatro da cidade. Era o **domingo, 3 de maio**. Os debates do dia tinham dois temas de pauta: 1 – A educação da classe trabalhadora, 2 – A mulher e o Partido Socialista.

1908
 Nos EUA, **dia 3 de maio, em Chicago, é comemorado o primeiro Dia da Mulher**, chamado por mulheres independentes e algumas socialistas.

Nessa conferência, o palestrante, Ben Hanford repetiu uma das idéias-chaves de Engels no seu *A origem da família da propriedade e do Estado: As mais exploradas são as mães do nosso povo. Elas estão de mãos e pés amarrados pela dependência econômica. São forçadas a vender-se no mercado do casamento, como suas irmãs prostitutas no mercado público.*

Mas não foi esse encontro independente, no teatro *The Garrick*, de Chicago, que foi reconhecido pelo Partido Socialista como começo da comemoração do Dia da Mulher. A iniciativa desse dia tinha nascido fora da estrutura oficial do Partido.

O primeiro dia da Mulher, nacional, assumido pelo Partido, foi no ano seguinte, em Nova Iorque, em **28 de fevereiro de 1909**. Em outras cidades do País, como Chicago, o dia foi celebrado em outras datas.

28/02/1909
O Partido Socialista Americano festeja em Nova Iorque, o primeiro dia Nacional da Mulher com o objetivo de conseguir o direito de voto e engajar as mulheres na luta revolucionária.

O objetivo desse dia, convocado pelo Comitê Nacional da Mulher do Partido Socialista americano, era *obter o direito de voto e abolir a escravidão sexual*. O panfleto de convocação dizia: *A realização da revolução das mulheres é um dos meios mais eficazes para a revolução de toda a sociedade.*

Desde o começo do século, nos EUA havia um importante movimento pelo voto feminino, fora da órbita dos socialistas. A maioria das mulheres do Partido considerava esse movimento como de “mulheres brancas e de classe média”.

Porém, dentro do Partido Socialista havia um constante vai-e-vem sobre esse tema. Por seu lado, as mulheres anarquistas não viam nenhum sentido na luta pelo voto. Nem das mulheres e nem dos homens. O meio para construir uma nova sociedade e a igualdade entre homens e mulheres, na visão anarquista, não seria certamente o voto, e sim a ação direta revolucionária. A principal representante desta visão era a revolucionária **Emma Goldman**.

1931
 Sai o principal livro da feminista anarquista Emma Goldman **“Vivendo minha vida”**

O ambiente americano favorecia a reivindicação do direito de voto. Nos EUA, já antes de 1909, em quatro estados era reconhecido o direito ao voto feminino. A extensão do voto para toda mulher americana, só viria em 1920.

Na Europa, o movimento das mulheres socialistas, liderado por Clara Zetkin, também era cheio de zigue-zagues.

No começo, **dentro da Internacional**, se levava uma guerra sistemática contra o voto feminino, visto como uma forma de desviar as forças revolucionárias das mulheres e considerado como uma reivindicação burguesa. Era assim que eram tachadas as sufragistas, pelos socialistas.

Essa visão europeia será adotada pelo Partido Socialista americano, em meio a grandes debates e com vozes discordantes.

Mas no meio de todas as contradições desse debate, **em 1907, em Stuttgart, Alemanha, na 1ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas**, 58 delegadas de 14 países elaboraram uma proposição que comprometia os vários Partidos Socialistas a entrar na luta pelo voto feminino. A resolução foi elaborada, na véspera, na casa de Clara Zetkin, por ela e duas camaradas, suas hóspedes: **Rosa Luxemburgo** e a única russa da Conferência, Alexandra Kollontai.

É nesse clima de embates que, em 1910, o Partido Socialista Americano organiza, pela segunda vez, o Dia da Mulher no último domingo de fevereiro, em Nova Iorque. O objetivo do dia é declarado sem rodeios no convite: *Arrolar as mulheres no exército dos camaradas da revolução social.*

Até 1907

a **Internacional era contra o voto feminino**. Os anarquistas também.

1907

Na 1ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas é **aprovada a luta pelo voto feminino**. Redigiram a resolução: Clara Z., Alexandra K. e Rosa L.

1918

Rosa Luxemburgo grande teórica e dirigente política da 2ª Internacional, junto com Lênin. Rompeu com o Partido Social Democrata Alemão e fundou o Partido Comunista. Foi assassinada pela reação em 15/01/1918.



Esta comemoração, de 1910, foi marcada por

1910

Um Dia da Mulher cheio de operárias.

Foi logo após o fim de uma greve de 86 dias, na qual 600 foram presas.

uma grande participação de operárias. Eram as costureiras da cidade que haviam terminado uma longa greve pelo direito de ter o seu sindicato reconhecido. A greve durou de 22 de novembro de 1909 até 15 de fevereiro de 1910, quase na véspera do Dia da Mulher. Foi uma greve longa, dura, com fortes piquetes reprimidos com violência pela polícia, que prendeu mais de 600 pessoas. Encerrada a greve, as costureiras participaram ativamente da preparação e da realização do Dia da Mulher chamado pelo Partido Socialista.

Dois meses depois, em maio, no congresso do partido, realizado em Chicago, foi deliberado que o partido americano enviaria delegados ao Congresso da Internacional, a ser realizado em agosto, com a tarefa, entre outras, de propor ao plenário que o Dia da Mulher fosse assumido pela Internacional. Esse dia deveria tornar-se o Dia Internacional da Mulher, a ser celebrado pelos socialistas, no último domingo de fevereiro de cada ano.

Em agosto desse ano, antes do Congresso da Internacional, se realizou em Copenhague, na Dinamarca, a 2ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas. Foi então que as delegadas americanas levaram a proposta aprovada no Congresso do seu partido. Assim, aceitando a proposta das delegadas dos Estados Unidos, Clara Zetkin e outras camaradas propõem a realização anual do Dia Internacional da Mulher.



O dia ficou indefinido, a cargo de cada país comemorar o seu dia na melhor data. A resolução aprovada será publicada logo em seguida, no jornal dirigido por Clara, **A Igualdade**, em 29 de agosto.

“As mulheres socialistas de todas as nações organizarão um Dia das Mulheres específico, cujo primeiro objetivo será promover o direito de voto das mulheres. É preciso discutir esta proposta, ligando-a à questão mais ampla das mulheres, numa perspectiva socialista.”

A partir dessa Conferência, as mulheres socialistas passarão a comemorar o Dia Internacional das Mulheres, sempre aos domingos.

Nos primeiros três anos, após esta resolução, este dia, na maioria dos países, é marcado para o último domingo de fevereiro.

29/8/1910

A Igualdade – jornal feminista dirigido por Clara Zetkin durante quase três décadas.



O Dia da Mulher se fixa em 8 de Março

Na Europa, a primeira celebração do Dia das Mulheres Socialistas aconteceu em 19 de março de 1911, por decisão da Secretaria da Mulher Socialista, órgão da Internacional. Alexandra Kollontai, que propôs a data, diz que foi para lembrar um levante de mulheres proletárias, na Prússia, em 19 de março de 1848.

Nesse dia, escreveu Kollontai, as mulheres conseguiram do rei da Prússia a promessa, depois não cumprida, de obter direito de voto.

Nos EUA, a tradição de realizar o Dia da Mulher no último domingo de fevereiro se repetiu em 1911, 1912 e 1913. Em 1914, será comemorado em 19 de março, seguindo a indicação da Kollontai.

Nos vários países da Europa, onde havia um partido socialista, após a decisão da 2ª Conferência, começou-se a comemorar o Dia da Mulher.

1914
Na França, primeiro Dia da Mulher é comemorado em 9/3.

Na Suécia, a primeira comemoração foi em 1º de março de 1911. O mesmo aconteceu **na Itália**.

Na França, o começo do Dia da Mulher foi em 1914, comemorado dia 9 de março, próximo ao Dia da Mulher na Alemanha.

Em 1914, pela primeira vez, **na Alemanha**, as mulheres socialistas marcam data do Dia da Mulher para 8 de março. Não se explicou o porquê dessa data, pois não precisava. Era um detalhe sem interesse. A data era totalmente indiferente. Importante era a realização do dia.

3/3/1913
Primeiro dia da Mulher na Rússia é comemorado de baixo da opressão do czar.

Na Rússia, sob da opressão do czar, o primeiro Dia da Mulher só foi comemorado em 3 de março de 1913. Em 1914 todas as organizadoras do Dia da Mulher foram presas e com isso não houve comemoração.

Em plena Guerra Mundial, em 1917, na Rússia, as mulheres socialistas realizaram seu Dia da Mulher no dia 23 de fevereiro, pelo calendário russo. No calendário ocidental, a data correspondia ao dia 8 de Março. Foi nesse dia que explodiu a greve espontânea das tecelãs e costureiras de Petrogrado.

Nesse dia, um grande número de mulheres operárias, na maioria tecelãs e costureiras, contrariando a decisão do Partido, que achava que aquele não era o momento para qualquer greve, saíram às ruas em manifestação por pão e paz.

Declararam-se em greve. Essa manifestação foi o estopim do começo da primeira fase da Revolução Russa, conhecida depois como a **Revolução de Fevereiro**.

Em outubro o Partido Bolchevique lidera a grande Revolução Russa, nos *dez dias que abalaram o mundo*.

1917

Em 8 de março (dia 23/2 no calendário russo), uma greve das tecelãs de São Petersburgo faz explodir uma manifestação que deslancha o começo da Revolução Russa.



Essa greve foi documentada nos escritos de Trotsky e de Alexandra Kollontai, ambos membros do Comitê Central do Partido Operário Social Democrata Russo e ambos, depois, proscritos pelo stalinismo vencedor.

Kollontai escreve: “O dia das operárias, 8 de Março, foi uma data memorável na história. Nesse dia as mulheres russas levantaram a tocha da revolução.”

Mas o texto que melhor nos conta os fatos da greve das operárias de Petrogrado é um longo trecho de Leon Trotsky, no primeiro volume de seu livro *História da Revolução Russa*. Vale a pena acompanhá-lo:

1917

A. Kollontai diz “ O dia das operárias, 8 de março, foi uma data memorável na história. Nesse dia, as mulheres russas levantaram a tocha da revolução.”

8/3/1917

Trotsky conta a greve do 8 de março em São Petersburgo no primeiro volume do livro *História da Revolução Russa*.

1917

A greve das tecelãs foi, pouco a pouco, esquecida. Essas operárias de base e rebeldes foram o estopim da Revolução Russa.

“O 23 de fevereiro era o Dia Nacional das Mulheres”.

Programava-se, nos círculos da socialdemocracia, de mostrar o seu significado com os meios tradicionais: reuniões, discursos, boletins. Na véspera, ninguém teria imaginado que este Dia das Mulheres pudesse ter inaugurado a revolução. Nenhuma organização planejava alguma greve para aquele dia. Ainda por cima, uma das combativas organizações bolcheviques, o Comitê dos tecelões de rayon, formado essencialmente por operários, desaconselhava qualquer greve. O estado de espírito da massa, segundo Kaiurov, um dos chefes operários deste setor, era muito tenso e cada greve ameaçava tornar-se um confronto aberto.

O Comitê julgava que o momento de começar hostilidades ainda não tinha chegado e que o Partido ainda não tinha forças suficientes e, ao mesmo tempo, a união entre soldados e operários ainda era insuficiente. Por isso tinha decidido não chamar para greve, mas para se preparar para a ação revolucionária, num futuro ainda não definido.

Esta era a linha de conduta preconizada pelo Comitê, na véspera do dia 23, e parecia que todos a tivessem aceitado. Mas, na manhã seguinte, contra todas as orientações, as operárias têxteis abandonaram o trabalho em várias fábricas e enviaram delegadas aos metalúrgicos para pedir-lhes que apoiassem a greve.

Foi a contra-gosto, escreve Kaiurov, que os bolcheviques, seguidos pelos operários mencheviques e pelos socialistas de esquerda se juntaram à marcha. Como se tratava de uma greve de massa, era necessário comprometer todo mundo para sair às ruas e estar à frente do movimento. Esta foi a resolução proposta por Kaiurov e o Comitê de Vyborov se sentiu forçado a aprová-la.

Pelos fatos, é então certo que a Revolução de Fevereiro foi iniciada por elementos da base que passaram por cima da oposição das suas organizações revolucionárias, e que a iniciativa foi tomada espontaneamente por um contingente do proletariado explorado e oprimido mais que todos os outros, as operárias têxteis. (...) O empurrão final veio das enormes filas de espera em frente às padarias”.

Em 1921, realizou-se, em Moscou na URSS, a Conferência das Mulheres Comunistas que adota o dia 8 de Março como data unificada do Dia Internacional das Operárias. A partir dessa Conferência, a 3ª Internacional, recém-criada, espalhará a data 8 de Março como data das comemorações da luta das mulheres.

Um dia esquecido e depois reinventado

Na Rússia comunista, após a vitória da Revolução de Outubro, nos primeiros anos do novo regime, o dia 8 de Março era comemorado todo ano, como o Dia Internacional da Mulher Comunista.

O dia, pouco a pouco, perdeu seu interesse e o adjetivo comunista foi caindo à medida que o ímpeto revolucionário da União Soviética começou a se arrefecer.

Nos últimos anos da década de 20 e, sobretudo, nos anos 30, o *Dia Internacional da Mulher*, seja comunista ou socialista, se perderá na tormenta que se abateu sobre o mundo. A ascensão do nazismo na Alemanha, o triunfo do stalinismo na URSS e o declínio da socialdemocracia na Europa e o vendaval da 2ª Guerra Mundial enterram as manifestações do Dia das Mulheres.

1921

Em Moscou, a Conferência das Mulheres Comunistas adota o 8 de Março

como Dia Internacional das Operárias.

A 3ª Internacional encampa a data.



No Ocidente, a humanidade só voltará a falar do Dia da Mulher, no final dos anos 1960. Nessa lapso de tempo, a greve das operárias de Petrogrado, de 1917, foi esquecida.

A data da vitória daquelas operárias revolucionárias rebeldes russas, que impôs uma tremenda derrota ao absolutismo do Czar e deslanchou a revolução Russa, não interessava a visão soviética oficial, dominante na época.

Retomar a lembrança daquele 8 de março das operárias comunistas de Petrogrado também não interessava a Socialdemocracia, rejuvenescida após a destruição da guerra e em confronto aberto com o comunismo dos países do bloco soviético.

Menos que menos, a data do 8 de Março de 1917, na nascente URSS, interessava ao bloco capitalista ocidental, inimigo mortal da nova Rússia comunista.

Anos do pós-Guerra: 1945-55

Entre os anos 1945 e 55, o 8 de Março tinha se reduzido a ser comemorado quase só por um punhado de mulheres comunistas. Naqueles anos duros da Guerra Fria o Dia da Mulher era um evento bem reduzido.

Em meados dos anos 50, o Partido Comunista Francês (PCF) pensou numa estratégia para ampliar Dia da Mulher e neste sentido retomou a história de lutas, com manifestações e greves das mulheres socialistas americanas. Foi lá que nasceu o “Woman ‘s Day” (Dia da mulher).

A CGT francesa, influenciada pelo PCF, foi nessa mesma linha. E assim, em 5 de março de 1955, L ‘Humanité, jornal do PCF, fala pela primeira vez de uma manifestação de mulheres, em Nova Iorque, do ano 1857.

Onze anos depois, em 1966, a **Federação das Mulheres da Alemanha Oriental** comunista, próxima ao PCF, retoma a historinha de 1857 e acrescenta um bocado de informações misturando fatos com fantasias.

E foi assim, sem nenhuma deliberação conspiratória, que o mito que acabava de ser criado, em 1966, no Leste Europeu, começou a ser divulgado. Depois foi enriquecido fartamente, nos EUA ao final dos anos 60 e em todo o mundo ocidental.

Depois disso, era só enriquecer o mito. O que foi feito, até sua cristalização em 75, com a ONU e logo depois com a Unesco, em 1977.

Derrubar o mito de origem da data 8 de Março não implica desvalorizar o significado histórico que este adquiriu. Muito ao contrário. Significa enriquecer a comemoração desse dia com a retomada de seu sentido original.

1966

A Federação das Mulheres Comunistas da Alemanha Ocidental retoma o Dia Internacional da Mulher

Significa voltar às origens, para que a cepa-mãe do ideal socialista possa alimentar, sem medos e sem vergonha das derrotas sofridas pelas revoluções perdidas no século XX, a árvore, ainda frágil, da luta pelos direitos e pela libertação total das mulheres.

Significa integrar todos os novos e importantíssimos aspectos da luta da libertação da mulher, descobertos com a evolução histórica da humanidade no século XX, com a retomada de suas raízes socialistas.

Retomar a origem histórica do 8 de Março significa integrar à clássica luta socialista/comunista do começo do século muitas novas idéias e experiências da luta feminista dos últimos 50 anos do século XX. Significa enriquecer a data com as contribuições de Wilhem Reich, Simone de Beauvoir, Herbert Marcuse, **Samora Machel**, Betty Friedann, Rose Marie Muraro e milhares de ativistas, militantes e organizadoras da luta das mulheres, no mundo inteiro.

Sem medo da felicidade, sem medo do prazer. Sem medo de lutar por uma revolução, que deverá ser social, sexual, e profundamente cultural.

Sem medo de levantar as bandeiras vermelhas, hoje, junto com as bandeiras lilás, marca registrada do movimento feminista. Bandeiras de uma longa luta pela libertação de toda a humanidade. Libertação de toda exploração, toda opressão, toda discriminação de homens e mulheres.

1986

Morte, em acidente/atentado, **Samora**

Machel, líder revolucionário de Moçambique.

Uma frase sua: “A libertação da mulher é uma necessidade da Revolução, garantia da sua continuidade, condição de seu triunfo”.

8 de Março: uma data a celebrar

A luta das mulheres, nas várias sociedades que existem pelo mundo afora, ainda precisa de muitos DIA da

MULHER, muitos 8 DE MARÇO para que esta seja tratada como gente nas várias situações que ela vive.

É necessário fazer uma revolução permanente, uma revolução cultural nos corações e nas mentes de homens e mulheres. Para chegar a ter novos homens e novas mulheres é necessário mudar as bases das várias sociedades, da Europa, da Ásia, da África, da Oceania da América do Norte e da NOSSA AMÉRICA, a Central e a do Sul. Um trabalho para séculos. Mãos à obra!

Bibliografia básica

Alguns livros e artigos básicos sobre a origem do Dia da Mulher

ANA, A. Gonzales. *Los orígenes y la celebración del Día Internacional de la Mujer. (1910-1945)* Oviedo: 1999.

ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e Feminismo: a luta pelo voto feminino no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1980.

BAUER, Carlos. *Breve História das mulheres no mundo ocidental.* Xamã. 2001

BLAY, A. Eva. *8 de Março: Conquistas e controvérsias.* São Paulo: 1999.

BOSI, Ecléa. *Simone Weil: a razão dos vencidos.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

COTÊ, Renée. *La Journée Internationale des femmes.* Montreal: Remue Ménage, 1984.

GASSEN, Gladys. *8 de Março de 2000.* Fetag-RS: 2000.

GIANNOTTI, Vito. *Livro/Agenda – Mulheres na História.* NPC. 2010

KANDEL, Liliane e F. Picq. *Le mythe des origines à propos de la journée internationale des femmes.* Em La Revue d'En Face n° 10, 1982.

LOBO, Elizabeth Souza. *Emma Goldman: a vida como revolução.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

POLKA, G Meyer. *Cem mulheres que marcaram a História do mundo.* Ediouro 1998

PRIORE, Del, Mary. *História das mulheres no Brasil.* Contexto 1998

PRIORE, Del, Mary. *Mulheres no Brasil colonial.* Contexto 2000

SOF - Sempreviva Organização Feminista, *8 de Março: em busca da memória perdida.* São Paulo: 2001.

VASCONCELOS, Naumi. *Quem tem medo do 8 de Março?* Em Conselho de Classe/SEPE. Rio de Janeiro: 1996.



Mulheres no Brasil

Fonte: Livro Agenda NPC 2011



Elvira Boni



Edma Valadão



Margarida Alves



Maria José Stein



Tia Eulália



Beth Carvalho



Zuzu Angel



Bertha Lutz



Luiza Erundina



Laura Brandão



Olga Benário



Tia Lourdes



Laudelina de Campos Melo



Jana Moroni



Marina dos Santos



Cecília Coimbra

Dinalva Oliveira Teixeira



Helenira Resende



Lélia Gonzalez



Nise da Silveira



Dilma Rouseff



Elis Regina



Patrícia Galvão (Pagu)



Rose Marie Muraro



Iara Iavelberg



Roseli Nunes

Fotos cedidas pelas próprias, ou por familiares, ou disponíveis para divulgação

Mulheres no Mundo



Louise Michel



Rosa Luxemburgo



Rigoberta Menchú



Mercedes Sosa



Simone de Beauvoir



Rosa Parks



Clara Zetkin



Dietrich Marlene



Domitila Chungara



Hebe de Bonafini



Cesária Évora



Aleida Guevara



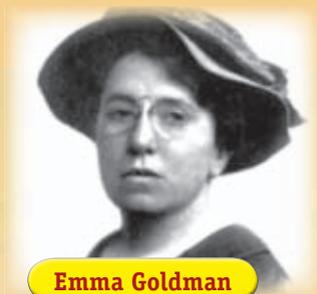
Tomie Ohtake



Madre Teresa de Calcutá



Anita Garibaldi



Emma Goldman



Hanna Arendt



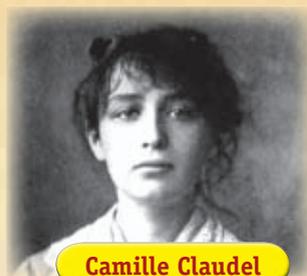
Hiratsuka Raichô



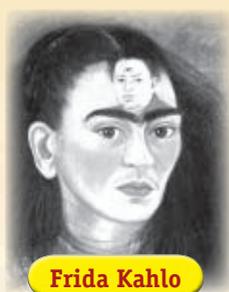
Édith Piaf



Laura Brandão



Camille Claudel



Frida Kahlo



Soledad Viedma



Dorothy Stang



Marzieh Dastjerd



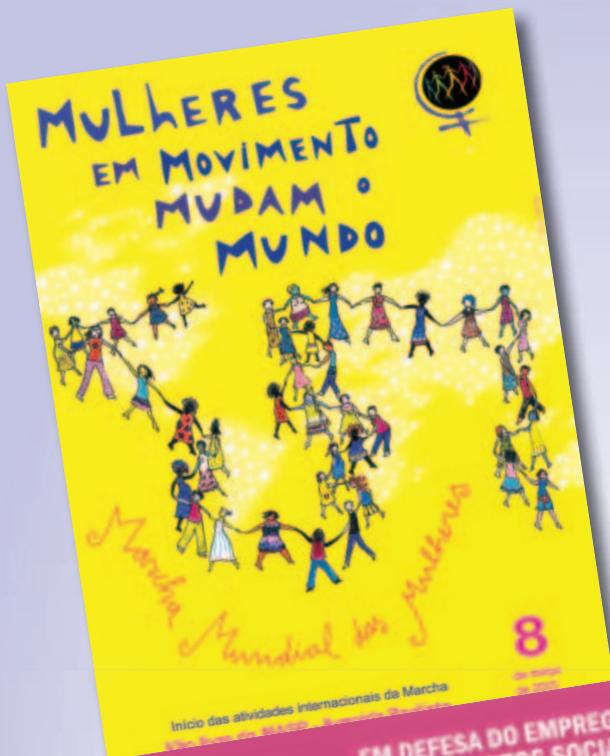
Angela Davis



Alexandra Kollontai

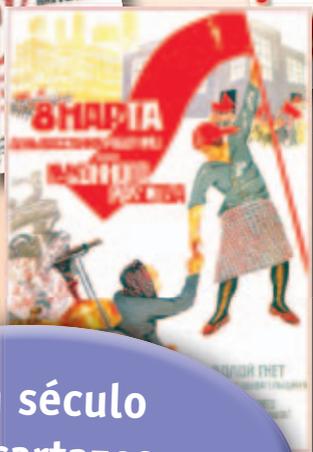
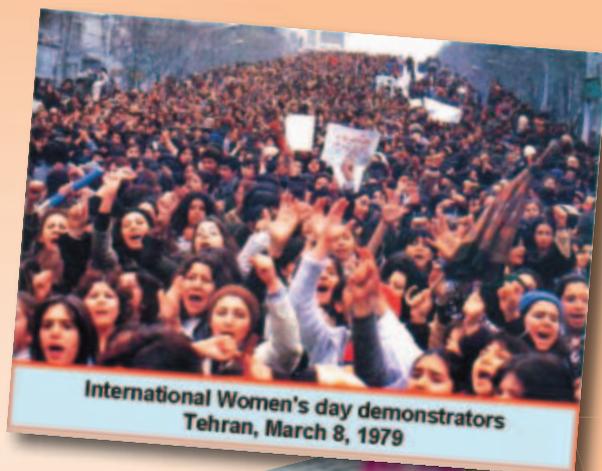
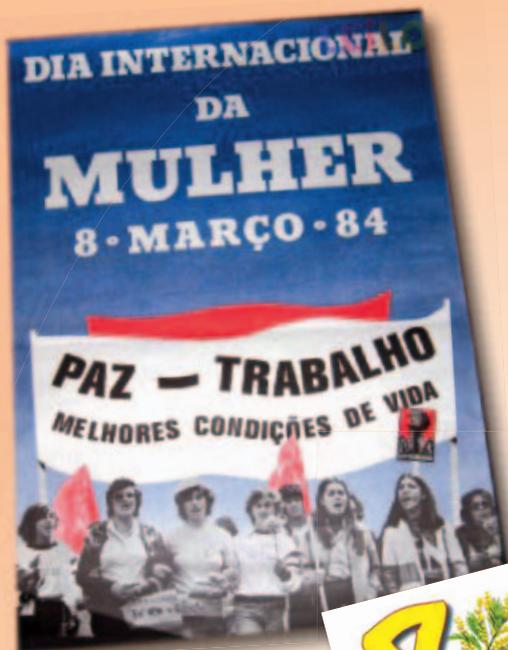


Flora Tristan



Um século
de cartazes
do Dia da Mulher
no Brasil





Um século de cartazes do Dia da Mulher no Mundo



Contatos de movimentos de mulheres

- ✓ **Articulação de Mulheres Brasileiras** - www.articulacaodemulheres.org.br/
- ✓ **Articulação de Mulheres Negras do Brasil** - www.amnb.org.br
- ✓ **Casa da Mulher Trabalhadora - CAMTRA** - www.camtra.org.br/
- ✓ **Católicas pelo Direito de Decidir** - www.catolicasonline.org.br/
- ✓ **Centro de Mulheres do Cabo** - <http://www.mulheresdocabo.org.br/programa02.html>
- ✓ **Centro Feminista de Estudos e Assessoria - CFEMEA** - www.cfemea.org.br
- ✓ **Coletivo de Mulheres Ana Montenegro** - <http://coletivomulheranamontenegro.blogspot.com/>
- ✓ **Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher - CLADEM** - www.cladem.org/
- ✓ **Cunhã Feminista** - <http://cunhanfeminista.tumblr.com/>
- ✓ **Grupo Curumim** - www.grupocurumim.org.br
- ✓ **Instituto Feminista para a Democracia - SOS CORPO** - www.soscorpo.org.br
- ✓ **Instituto Patrícia Galvão** - <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/>
- ✓ **Ipas Brasil** - www.ipas.org.br
- ✓ **Mais Mulheres no Poder** - www.maismulheresnopoderbrasil.com.br
- ✓ **Marcha Mundial de Mulheres** - www.sof.org.br/marcha
- ✓ **Movimento de Mulheres Camponesas** - www.mmcbrazil.com.br/
- ✓ **Observatório da Mulher** - <http://observatoriodamulher.org.br/>
- ✓ **Mulher e Mídia** - www.mulheremidia.org.br
- ✓ **Observatório da Igualdade de Gênero** - www.observatoriodegenero.gov.br
- ✓ **Observatório Lei Maria da Penha** - www.observe.ufba.br
- ✓ **Projeto Software Livre Mulheres** - <http://mulheres.softwarelivre.org/>
- ✓ **Rede Latino-americana Mulheres Transformando a Economia - REMTE** - www.movimientos.org/remte/
- ✓ **Rede Feminista de Saúde** - <http://www.redesaude.org.br/>
- ✓ **Secretaria de Mulheres do PSOL** - <http://psolsp.org.br/blog/category/secretarias/mulheres-secretarias/>
- ✓ **Secretaria de Mulheres do PSTU** - www.pstu.org.br/secretaria_mulheres.asp
- ✓ **Secretaria Especial de Políticas para Mulheres** - <http://www.sepm.gov.br/>
- ✓ **Secretaria de Mulheres do PT** - <http://www.pt.org.br/portaltpt/secretarias/mulheres-16/index.html>
- ✓ **Sempreviva Organização Feminina - SOF** - www.sof.org.br
- ✓ **Ser Mulher** - <http://www.sermulher.org.br/>
- ✓ **Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero** - www.themis.org.br
- ✓ **União Brasileira de Mulheres** - www.ubmulheres.org.br

Mulheres em Marcha



FOTO: JOÃO ZINCLAR

Marcha Mundial de Mulheres

Marcha das Margaridas

FOTO: PAULO DONIZETI



Marcha do MST

FOTO: JOÃO ZINCLAR





NPC

Núcleo Piratininga de Comunicação